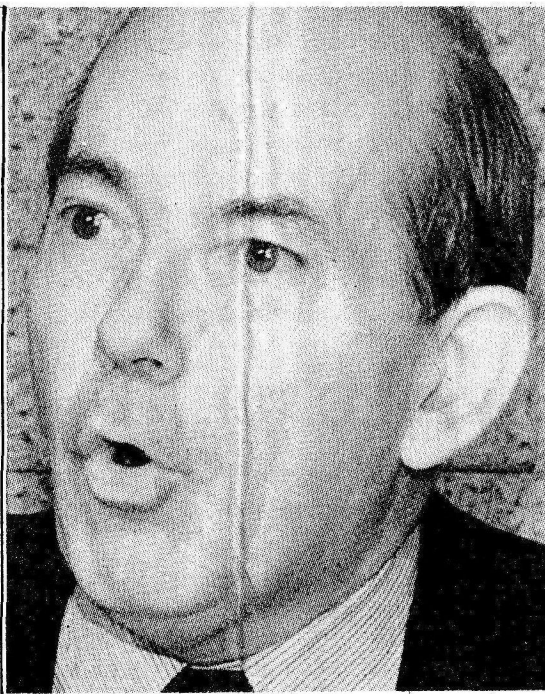




ESPERAMOS QUE A COMUNIDADE FINANCEIRA INTERNACIONAL COMPREENDA QUE ESTAMOS VIVENDO NUMA DEMOCRACIA

(Do presidente eleito da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira)



ESPERO QUE A GRÃ-BRETANHA E A ITÁLIA VOLTEM O QUANTO ANTES AO SISTEMA MONETÁRIO EUROPEU

(Michel Camdessus, diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional)



O BRASIL TEM DEMONSTRADO SURPREENDENTE MATURIDADE DAS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS RECENTEMENTE EMERGIDAS

(Marcílio Marques Moreira, ministro da Economia, sobre a crise política)

FMI VAI DEBATER A EUROPA

Crise monetária é tema dominante

FÁBIO PAHIM JR.,
ENVIADO ESPECIAL

A 47ª reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial abre-se formalmente amanhã no hotel Sheraton, em Washington, ao lado da área verde da Woodley Road, do zoológico e dos bosques da Rock Creek Parkway, mas ela de fato está em pleno curso desde o fim de semana. Sábado e ontem, no edifício sede do FMI na rua 19, em frente ao Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Bird), mais conhecido como Banco Mundial, os ministros da Fazenda dos sete grandes países do mundo — Estados Unidos, Japão, Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Canadá, o chamado G-7 — começaram a conversar sobre a melhor maneira de vencer a crise do Sistema Monetário Europeu, embora ao público pouco tenham revelado sobre o que discutiram.

Deflagrada pelo aumento de taxa de juros na Alemanha, a crise já produzira a desvalorização do dólar nos últimos meses, e na semana passada, em especial na quinta-feira, em que os mercados balançaram, seguin-

do-se a desvalorização da libra, da lira e da peseta. Como a folga para flutuações entre as várias moedas é muito pequena na Comunidade Econômica Européia (CEE), Inglaterra e Itália pularam temporariamente fora do Sistema Monetário Europeu, pondo em risco o futuro do Tratado de Maastricht, aprovado ontem pelos franceses em plebiscito (veja páginas 12 e 13). O tratado prevê uma só moeda e um só banco central na Europa dentro de cinco anos. Mas depois da desvalorização da libra, esse prazo poderá ser maior, ou então, a própria unidade monetária poderá ter iniciado sua agonia prematura, ficando o principal, a união aduaneira, que garante o comércio.

Doze mil pessoas de 170 países — membros do FMI — lotam Washington e seus hotéis para o mais tradicional dos fóruns de discussão monetária em todo o mundo. A turbulência na Europa é o assunto dominante,



Major

mas há uma razão para comemorar. Na América Latina, dez anos depois que o México, em agosto de 1982, deu o calote nos credores, festeja-se para a quase totalidade dos países o fim da crise da dívida — um total de US\$ 450 bilhões distribuídos da Argentina e Chile, ao Sul, até o México, limítrofe com os Estados Unidos. O fim da crise ainda não atingiu as regiões mais miseráveis do mundo, como o SubSaara na África, onde morre-se de fome, mas ter algo a festejar já parece importante. Nem mesmo a possibilidade do impeachment do presidente Fernando Collor provocou rompimentos externos. E, mais importante, segundo se avalia nos corredores do Fundo, é a permanência das políticas — o que é creditado ao ministro Marcílio Marques Moreira, que desembarcou aparentando tranquilidade sábado de manhã no edifício do FMI. O Brasil e o Fundo têm um acordo firmado em janeiro. Não há desembolsos

desde o segundo trimestre porque o País não cumpriu as metas de déficit nominal, mas apesar disso o FMI vai recomendar à Comunidade Financeira Internacional que aprove o acordo de renegociação da dívida externa com os bancos privados, no montante de US\$ 44 bilhões.

As atenções do mundo centram-se em Washington nestes dias, mas o G-7, em seu comunicado oficial na noite de sábado, foi seco e pouco objetivo, como de hábito. Traduzindo, os grandes não podem obrigar a Alemanha a reduzir seus juros — esta é uma questão interna de Bonn. Portanto, nada puderam dizer sobre a causa mais aparente da turbulência monetária.

O diretor-gerente e homem forte do FMI, Michel Camdessus, espera que Grã-Bretanha do primeiro-ministro John Major e a Itália de Giuliano Amato regressem o quanto antes ao Sistema Monetário Europeu e elogia a flexibilidade dos 12 países-membros da CEE, mas em Washington acredita-se que essa volta é difícil. A lira, por exemplo, poderá sofrer novas desvalorizações, dada a gravidade do déficit público italiano.